

Jornalismo independente dos estudantes do Técnico desde 1990

Diferencial

Quinzenal (sai às terças) n.º 4, 15 de Novembro de 2011

os vários formatos, entre o jornal e a revista

diferencial dt

a criação, da derrota de uma lista de protesto



Editorial

Nasce mais uma edição e a crise começa a apertar no Diferencial, tempo útil que podia ser usado a fazer reportagens é dedicado a andar de porta em porta para conseguir novos contractos de publicidade. Se há coisa que se aproveita do típico conformismo nacional é a capacidade de dos maus momentos tirar sempre qualquer coisa útil. Foi o caso, andando a vasculhar em edições passadas, para sondar antigas parcerias, surgiu a ideia de dar a conhecer um pouco mais da história desta publicação. As entrevistas a antigos directores do jornal revelaram que são cíclicos os problemas da publicação: lutas de independência, guerras acesas com a direcção da AEIST e o jornal chega a ser uma ajuda para ganhar eleições. Os mais desconfiados não temam, não está nos planos da direcção usar o Diferencial como plataforma eleitoral. A curto prazo os nossos planos são outros: relançar o site do jornal e criar um arquivo online.

Embora no IST esteja mais ou menos tudo na mesma (sim, mais ou menos, agora já nos podemos queixar por escrito da qualidade da cantina) a Europa deu algumas voltas nos últimos quinze dias. Na Itália e na Grécia os governos tropeçam, Il Cavaliere e Papandreou preparam-se para ceder o lugar a novos, e centralmente nomeados, substitutos. Por cá esperamos que as consequências sejam as melhores, mas não sai da cabeça a ideia de que medidas e não nomes devam levar à recuperação da UE.

Espero que não levem a mal o meu aproveitamento, mas queria pedir ao colega que fez ao meu lado o teste de SSM, e que ficou com a minha calculadora, que a viesse entregar à sala do Diferencial ou à Secção de Folhas. Fica o desejo que vos estejam a correr bem os testes, encontramos-nos numa nova edição daqui a duas semanas.

FICHA TÉCNICA

Carlos Moreira, Daniel Fonseca, Vasco Rato – Direcção

Ariana Rupp, Fábio Esteves, Fernando Pedro, Luísa Bigode, Raquel Santos, Tomás Hipólito, Carlota Meirelles, João Luís – Redacção
Jornal Diferencial

Associação dos Estudantes do IST
Av. Rovisco Pais, 1049-001 Lisboa
diferencial.ist.utl.pt

Contactos
diferencial.ist@gmail.com
Tiragem: 2000 exemplares

Integrando o Diferencial

A história pesa sempre nas costas de uma instituição. No caso do Diferencial são já mais de 20 anos de peripécias, altos e baixos, estórias que a história não esquece e outras tantas aventuras que só residem na memória de quem as viveu. Foi a vasculhar edições passadas que surgiu a ideia de tentar saber um pouco mais desta herança.

Já terão reparado que na capa de qualquer diferencial se pode ler *Jornalismo independente dos estudantes do Técnico desde 1990*. Acreditando na frase, que foi passando de jornal em jornal, de direcção em direcção, o ano de fundação do jornal terá sido 1990. Segundo um dos fundadores do jornal, cujo nome não transmitimos porque não o conseguimos contactar, nesse ano terá saído uma folha informativa com o nome Diferencial, mas o primeiro jornal só seria criado um ano mais tarde. A AEIST sofria na altura de um mal que frequentemente aflige associações de estudantes, as direcções eram sucessivamente eleitas em lista única, os alunos perdiam o interesse e as secções autónomas jaziam moribundas votadas ao abandono. Uma lista de protesto e pouca preparação propõe-se a mudar isso mas acaba derrotada, da campanha resiste uma contestação, e dela uma ideia: a falta de informação que os alunos têm sobre o que se passa pode ser colmatada com um jornal, cria-se assim o Diferencial. As primeiras edições são feitas apenas por uma ou duas pessoas, mas ao longo dos primeiros meses a equipa vai crescendo, e com ela o jornal, que no primeiro ano passa de poucas centenas a milhares de

exemplares por tiragem. A coesão da nova equipa levou-os a tentar a sorte nas eleições para a dAEIST, desta vez com sucesso. Fazendo valer a coerência os membros que participaram na lista eleita afastaram-se do jornal, dando lugar a um novo grupo que continuou o trabalho passando de uma pequena publicação quinzenal para um caderno maior mas menos frequente. Nos dez anos que se seguem o jornal existe no formato de revista e conhece momentos de alguma periodicidade, com cerca de quatro jornais a sair por ano, e outros anos menos intensos com um jornal apenas. Durante este período o conceito era já bastante diferente daquele pensado pelo fundador, não se tratava de ter uma publicação frequente que ajudasse ao espírito de comunidade escolar, queriam-se edições marcantes e era a oferta de informação que determinava o lançamento de cada jornal. Momentos marcantes para para o IST, como o aparecimento de propinas reais, o financiamento do ensino superior e mesmo as aventuras da igreja da Cientologia no Técnico foram acompanhados de entrevistas a ministros, artigos de opinião dos mais reputados economistas e jornalismo de topo com repórteres infiltrados a arriscarem a pele.

É em 2000 que o Jorge Páramos [JP], ex-director, resolve entrar para o Diferencial. Passa um ano enquanto colaborador sem conseguir o tipo de participação que pretendia, e em 2001 torna-se pela primeira vez membro da direcção do jornal.

Escola de condução MONUMENTAL

Traz o teu cartão de estudante e tira a carta B

400 Euros - Tudo incluído

visita-nos em: www.ecamonumental.pt

Av. Manuel da Maia, 11-r/c

218475535

968757030

918597181

ecmonumental@mail.telepac.pt



Nesse ano a equipa grandemente renovada conta também com Nuno Pires [NP], o projecto é renovado mas mantém-se o formato de revista. As relações externas do Diferencial ocupam, como sempre, um papel central na vida da publicação, NP salienta a importância do apoio dos Professores Matos Ferreira e Cruz Serra, à época presidente e Vice-Presidente do IST. Menos positiva é a interacção com a dAEIST, o que começa por ser uma relação de desconfiança de parte a parte rapidamente degenera. A discórdia cresce alimentada por excelente jornalismo, num artigo que marcou a história do jornal a equipa revelou dívidas de 20 000 contos (cerca de 100 000 euros) da secção de folhas, acompanhadas de projectos para despedir funcionários. A dAEIST presidida por João Rosa reage ao artigo criando uma publicação própria para veicular as suas próprias posições em oposição à informação independente publicada no Diferencial. Para garantir

a qualidade do jornal a direcção aposta na formação dos colaboradores, em conjunto com uma publicação estudantil da Faculdade de Letras conseguem um curso do Cenjor. As relações com outras publicações é outro dos factores que NP aponta para o sucesso do Diferencial. De Letras em Lisboa ao Jornal Universitário do Porto, ainda hoje uma excelente publicação, o jornalismo estudantil contava com vários pontos fortes e existia um movimento forte e organizado em volta do mesmo, tentava-se na altura a criação do estatuto do Jornalista Estudante, projecto que acabou por não se concretizar. A partilha de ideias entre jornais permite ao Diferencial reagir antecipadamente à “maldição do papel couché”, muitas publicações estudantis alargaram para além do aconselhável e acabaram por colapsar, o limite era marcado pela edição em papel couché. É neste panorama que JP e NP, já a trabalhar, começam a preparar o afastamento e

separação com o jornal. Com o downsizing em vista é organizado mais um curso com o apoio do Cenjor e dos jornalistas Óscar Mascarenhas e Daniel Ricardo. Outras duas “gerações” passaram pela redacção até à actualidade, muitos dos leitores terão acompanhado as edições publicadas nesse período que fica, por agora e por isso mesmo, por contar. Dada a limitação do espaço muitas peripécias e aventuras comprometedoras ficam fora do papel, mas não desesperem, ao longo da semana vão poder ler no facebook sobre os momentos mais cómicos da história do Diferencial. Concluo agradecendo ao Jorge e ao Nuno sem os quais este artigo não teria sido possível, e sem os quais (extende-se a todos os outros colaboradores) não existiria o jornal. Agradeçam-lhes vocês também: o professor Jorge Páramos talvez tenham a sorte de encontrar num laboratório de EO, o Nuno Pires também não cortou laços e voltou para um doutoramento IST-EPFL.

Um pouco de docência

Daniel Fonseca e Carlos Moreira

Por pouco ia começar este texto a afirmar de forma leviana que todos nós já tivemos bons e maus professores. Ainda bem que antes de o fazer descí à terra para assumir que me é extremamente difícil caracterizar um bom professor ou uma boa professora: é alguém que dá boas notas? Alguém que ensina tudo o que sabe? Alguém reconhecido internacionalmente? Alguém sério ou alguém descontraído? Alguém que explica de forma magnífica e depois saca da cartola exames ou métodos de avaliação animalescos? Alguém que cumpre o programa à risca, que leciona apenas parte mas de forma excepcional ou que se aventura de forma abrangente por temas extra-curriculares? Talvez a definição de bom ou mau docente fique viciada no ponto de partida, consoante nasça de um bom ou mau estudante. Como é tão ou mais difícil definir um bom estudante, não vou por aí, sob pena de elevar à discussão do sexo dos anjos o propósito deste texto. Se tiverem uma definição de bom docente, por favor façam-na chegar ao Diferencial (o que até seria um exercício interessante). Até lá, enquanto tardarem respostas conclusivas, é de louvar a ocorrência das jornadas pedagógicas que aconteceram no dia 11 deste mês. Ainda que com o título ornamentado de “boas práticas de docência no IST”, por lá se tentou dar resposta àquilo que desde o início deste parágrafo se questiona: o que é um bom professor? Partilhar é bom e por isso reparto aqui algumas boas práticas cuja exposição pude ouvir no tempo a que assisti: Manter uma boa comunicação e promover a interatividade e dinâmica durante as aulas. Fomentar a curiosidade, fazer tudo para manter em alta a motivação e procurar sempre articular a matéria com a “realidade” e o quotidiano. Saber equilibrar a humildade e a confiança. Semear o espírito crítico. Apelar à colocação de dúvidas, afastando o medo que todos temos em colocar questões idiotas. Conhecer os alunos e alunas em gestos aparentemente simples como procurar saber o seu nome. Fazer um esforço por manter uma ponte entre as várias unidades curriculares do curso. Entre outras coisas, foi ainda referida a vantagem de associar a área de investigação do docente e as matérias que leciona. Com estes tópicos telegráficos, talvez seja mais fácil formar opinião. Eu continuo com a dificuldade inicial. Sei que quando tiver de voltar a pensar numa definição de bom professor não vou conseguir chegar a um fim. Não obstante, sei o início. Vou começar por dizer que um bom docente parte por ser alguém que procura ser bom docente, que está aberto a discutir os seus métodos e que possui a humildade de querer aprender a ser o melhor professor. Ninguém nasce ensinado para ensinar e não há fórmulas mágicas. Apesar disso, o processo dialético de confrontação de métodos e opiniões ajuda qualquer um a aprender, mesmo quem faz do seu ofício ensinar. Certamente que as jornadas pedagógicas foram um bom passo nesse sentido. Parabéns ao GATu e ao Conselho Pedagógico.

Fernando Pedro

Fim dos descontos nos passes sociais

O secretário de Estado dos Transportes anunciou na passada sexta-feira o fim do desconto de 50% nos passes para estudantes e idosos. A medida entrará em vigor a partir de Janeiro, passando os descontos a ser atribuídos não consoante a faixa etária, mas em função do rendimento per capita do agregado familiar. Ainda não são conhecidas as novas condições de re-acesso aos descontos, mas Sérgio Monteiro garante que a nova medida trará mais justiça social, e isso é sempre bom...

O segredo de Brunelleschi

O arquitecto italiano Massimo Ricci, depois de 30 anos de investigação, desvendou um dos maiores mistérios da história da arquitectura: a técnica aplicada por Brunelleschi na construção da cúpula da Catedral de Florença, no século XV.

Sem o plano de construção, era desconhecida a forma como Brunelleschi construiu a enorme cúpula sem usar suportes de madeira ou ferro.

Ricci revelou que a cúpula é constituída por duas estruturas diferentes e que os tijolos na camada interna, portanto, foram dispostos na diagonal através de um sistema de cordas que determinava a posição e ângulo exactos na colocação destes.

Para além destas técnicas pouco tradicionais, o arquitecto renascentista deixou falsas pistas na construção ao ordenar a marcação da superfície visível dos tijolos de forma a deixar crer que estes estavam dispostos na vertical.

O Caderno Escolar Português

As lousas escolares são cadernos infinitos, pequenos quadros escolares onde se pode escrever com giz, apagar e voltar a escrever. Portugal continua a produzir e a exportar estes objectos. Portugal exporta lousas, por exemplo, para França e para os Estados Unidos, que as utilizam argumentando que o seu uso reduz o consumo de papel e o abate de árvores. Estas lousas são feitas a partir do xisto extraído em solo português que tem excelentes propriedades para este tipo de aplicações.

Será que um dia destes voltarão a estar na moda em Portugal?

iPHONE 4S à venda

O novo iPhone 4S foi posto à venda em Portugal na última Sexta-Feira, pelas 3 operadoras nacionais. Este iPhone vem com o seu hardware melhorado e com o iOS 5, que inclui o iCloud, que permite manter todos os documentos, fotos, etc. sincronizados entre iDevices e Macs sem qualquer esforço. A principal novidade do 4S, o assistente virtual Siri, contudo, ainda não está disponível em Português. Os preços dos modelos livres de operadora, em preto ou branco, variam entre 629€ (16GB) e 849€ (64GB).

Cantina Anti-Social

A AEIST decidiu, em resposta ao número crescente de estudantes descontentes com a qualidade da cantina, criar um serviço de reclamações sobre a qualidade do refeitório dos Serviços de Acção Social. Esta medida chega depois de vários movimentos estudantis e páginas humorísticas de Facebook comentarem a subida dos preços e o decréscimo da já reduzida qualidade das refeições servidas pela GERTAL, a empresa que gere a cantina.

Not-So-True-Blood

Um grupo de cientistas da Universidade Pierre et Marie Curie, de Paris, conseguiu criar hemoglobina em laboratório. Utilizando células estaminais retiradas da medula óssea de um dador, criaram os primeiros glóbulos vermelhos sintéticos da história da medicina. Apesar da pequena quantidade obtida no ensaio – cerca de dois mililitros de líquido – esta descoberta é de uma importância imensa, visto que um dia poderá fornecer grandes quantidades de sangue em casos de escassez de stocks, ou para socorrer vítimas de urgências de grande escala.

Mural da Alameda

Anos depois de serem removidas dos muros do IST, as pinturas murais fazem o seu regresso à Avenida Manuel da Maia. A diferença é que, desta vez, serão feitas pela Associação de Estudantes, que abriu um concurso, aceitando propostas, até dia 4 de Dezembro, para compor a pintura que será executada para comemorar o centenário da AEIST.

Os interessados deverão entregar um desenho que contenha uma referência ao tema e que não poderá conter referências violentas, políticas, religiosas, xenófobas ou sexuais.

A troika e o Conde de Lippe

O Professor António Brotas, catedrático jubilado do Instituto Superior Técnico e antigo Secretário de Estado do Ensino Superior e Investigação Científica, escreveu um pequeno artigo sobre a intervenção estrangeira em Portugal, publicado aqui a pedido do próprio.



Duzentos anos depois do Marquês de Pombal ter chamado o Conde de Lippe para reorganizar o Exército português muitos dos regulamentos por ele elaborados ainda estavam em vigor. Assim, por exemplo, em 1950, na tropa, as mantas que se punham em cima dos cavalos ainda eram cuidadosamente dobradas em conformidade com o seu regulamentos. Estou certo que muitas das normas que a troika nos vai agora obrigar a adoptar, algumas benéficas, vão perdurar durante anos.

Mas há uma diferença substancial.

O Conde de Lippe era um profissional muito experiente e de mais alto nível que, quando chegou a Portugal, soube ensinar e também aprender. Assim, quando viu que em Portugal, que tinha suportado longas guerras com um vizinho mais forte, havia estruturas para mobilizar a população, nomeadamente, as milícias e as ordenanças, as tropas dos concelhos, não só as conservou como levou a ideia quando regressou ao centro da Europa.

Os elementos da troika são, certamente, técnicos de elevado nível, mas, para além das ideias genéricas que nos trazem, algumas nem sequer bem testadas no exterior, como é o caso da TSU, podemos interrogar-nos sobre quais são os conhecimentos e a compreensão que têm da realidade do nosso país. Eles viram, por exemplo, que em Portugal há freguesias, estruturas que não existem na generalidade dos países da Europa e propuseram a redução do seu número. Ora, esta redução atinge a qualidade de vida de uma fracção importante da população. Portugal é, com efeito, o país com mais aldeias da Europa. E se 5 km pode não ser nada para quem anda de automóvel, pode ser muito para os habitantes de duas aldeias que vejam as suas freguesias fundidas numa só.

A fusão das freguesias urbanas é um problema muito diferente do das freguesias rurais. A supressão das juntas de freguesia em muitas aldeias é, de facto, o retirar da cidadania aos seus habitantes. O processo não deve, portanto, ser decidido a régua e esquadro em gabinetes sem ser precedido de um inquérito às populações e uma muito cuidada avaliação dos benefícios e

custos, não só imediatos, mas sobretudo a longo prazo.

As aldeias portuguesa, hoje, quase só com idosos, podem, no futuro, com as novas tecnologias, vir a ser locais privilegiados de residência e trabalho. Encontrei recentemente uma informática da Nova Zelândia que tinha escolhido para local de trabalho uma aldeia portuguesa.

O país da Europa com as estruturas locais mais parecidas com as nossas é, talvez, a Suíça. Aconselhar Portugal e fundir freguesias é mais ou menos o mesmo que dizer à Suíça que para melhorar o seu sistema financeiro deve alterar as suas estruturas locais.

Um outro problema que preocupou os elementos da troika foi o da fusão dos concelhos. Mas eles ignoraram uma evolução bastante nítida em Portugal desde há várias décadas. Em todos os distritos, a população dos concelhos onde está a capital tem vindo a aumentar e, na generalidade dos outros, salvo na vizinhança de Lisboa e Porto tem vindo a diminuir. Para aumentar a população dos concelhos com a população mais elevada não é necessário, portanto, fazer nada. E agregar os que têm a população a diminuir pode criar situações muito difíceis e conflituosas e, na maior parte dos casos, só pode contribuir para diminuir ainda mais a sua população.

Em matéria de ordenamento do território, a troika tinha um outro assunto com que se preocupar e em que nos podia trazer informações de fora: o da Regionalização, que está na nossa Constituição e hoje é uma realidade em quase toda a Europa. Para criar riqueza, é em regiões, e não propriamente em concelhos com a população um pouco maior, que é preciso pensar.

E, no que diz respeito à riqueza, o que será importante para os nossos filhos e netos é o domínio que terão sobre as empresas existentes em Portugal. Por outras palavras, a troika deve compreender que, embora o país tenha neste momento um gravíssimo problema financeiro (em que nos está a ajudar) a prazo, o problema fundamental para nós, é o de não entregarmos com privatizações feitas num momento difícil o domínio da Economia do país a entidades estranhas e longínquas, interessadas na rentabilidade dos seus negócios, mas não na qualidade de vida dos nossos filhos e netos.

Por último, ao olhar Portugal como um país periférico, a troika está a ter uma muito estreita visão da Europa. É bom que os seus elementos se inteirem do que foi dito nos três encontros promovidos na Sociedade de Geografia de Lisboa., em Fevereiro e Março deste ano, sobre o tema: “China, Panamá, Sines. A rota da seda do século XXI ?” Neles tratou-se, fundamentalmente, não das ligações da China a Portugal, mas das ligações da China à Europa.

Acontece que o porto de Sines é a melhor porto da Europa para os navios vindos da China e as áreas vizinhas são zonas privilegiadas para implantar indústrias dimensionadas para exportar para metade do mundo, em particular para a China.

António Brotas

Delírios

Olho para a direita e para a esquerda. Tudo se processa a uma velocidade vertiginosa. Os carros deslocam-se a velocidades supersónicas, as pessoas correm desalmadamente, os pássaros voam como aviões e os aviões como foguetes e o Sol não pára quieto, sempre a subir e a descer. A minha cabeça tenta entrar neste ritmo frenético, responsabilidades sobrepõem-se uma às outras, sonhos e reflexões quase se confundem com impulsos, ideias e pensamentos atropelam-se. O corpo deteriora-se, continuamente, tentando compensar o hiato entre a mente e a realidade e o vigor, lentamente, se torna em vagar. Estou aprisionado neste ciclo vicioso de degradação. Paro mais uma vez e olho. Desta vez, tudo acontece tão rápido que tenho dificuldade em distinguir a extensão dos elementos que me rodeiam, não sei onde começam, nem onde acabam... Ansiedade, receio, incompreensão.. Corro para o cimo

do prédio mais alto que consigo ver. É, realmente, alto! Chego ao topo. Corre uma brisa áspera, mas já não ouço os sons estridentes, agudos e insuportáveis da esmagadora envolvente urbana. Olho em frente e em redor e vejo o horizonte e perco-me na tentativa de o alcançar. No entanto, não chega... Quando olho para baixo, vejo uma metrópole efervescente, distorcida e imperceptível. Aterrorador! Dirijo-me para o centro, sento-me, cruzo as pernas e fecho os olhos. Respiro fundo. Não há nada aqui... Tento concentrar-me. Continua a não existir nada. Que bom! Lentamente, sinto o sangue a percorrer os longos caminhos das veias e sinto o meu corpo a aquecer aos poucos. Calma. Começa a surgir algo. Uma praia deserta, ao final de uma tarde, uma bola de fogo selvagem a banhar um oceano profundo e eu ajoelhado a olhar para uma construção de areia. A construção de areia é a metrópole. Está ali esculpida, à minha

frente, imóvel... O meu olhar está fixo nela e tenho a eternidade para pensar. Todo o tipo de pensamentos! Levanto-me e piso, repetidamente, a metrópole de areia até ficar, completamente, desfeita. Fixo o horizonte. Passam-se segundos, horas, minutos, dias, não sei... Quero ter o vazio para pensar e o infinito para divagar! Abro os olhos. À minha frente está uma criança. Sorri e estendo-me a mão. Dou-lhe a mão, leva-me até à borda do telhado e aponta para baixo. Em baixo, está a cidade distinta e clara. Visível. Nem rápida, nem lenta. Equilibrada.

Tomás Hipólito

Museu da Electricidade

A central Tejo foi a primeira central eléctrica de grande dimensão a gerar energia eléctrica em Lisboa. Funcionando durante mais de 60 anos, desde 1908, foi sendo ampliada à medida que a cidade crescia, para poder suportar o gasto energético crescente. Em 1972 foi, finalmente, encerrada e esteve alguns anos sem qualquer utilização. Em 2006 abriu ao público, no antigo edifício da central, o Museu da Electricidade. Aqui podemos descobrir como começou a produção de energia eléctrica em Portugal, quais as suas primeiras utilizações e quais foram as alterações que esta introduziu no estilo de vida da época. É também abordada a história do país, e é-nos feito um retrato das condições sociais da população ao longo do século XX. Num registo mais técnico, é também apresentado o panorama actual da produção e transporte de corrente eléctrica. São apresentados vários temas, desde a extracção de combustíveis fosseis

até ao funcionamento de uma barragem hidroeléctrica, com explicações que permitem conhecer melhor quais as vantagens e desvantagens de cada tipo de tecnologia. Destaca-se a componente prática do museu – há várias maquetas



Carlos Moreira

funcionais de centrais eléctricas. Para os mais pequenos, existe também uma vasta área experimental onde se pode brincar com a electricidade, não só para compreender o que é e como funciona mas também como pode facilitar o dia-a-dia se for devidamente utilizada, sendo aqui apresentadas dicas de consumo “verde” e utilização segura de equipamentos electrónicos. O museu está aberto ao público de Terça a Domingo, das 10:00 às 18:00. A entrada é sempre gratuita, tornando a visita ao museu um bom programa de fim de semana em tempo de crise.

Médio

	1		4		9	6
4			6	5		8
	5		8			
6	8				7	5
	4		8	7		6
	2		9		3	
8		5	4		6	
				1	2	3

Difícil

2			8			
		5		6		
						2
9	8					
		7		2	4	
	6					9
						8
						1

As soluções serão disponibilizadas no Facebook do Diferencial.

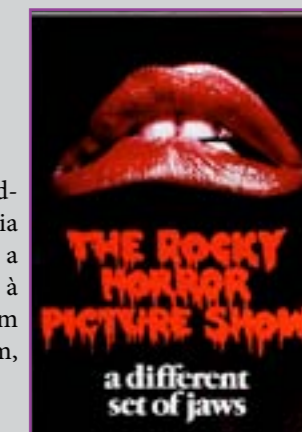
Adiciona-nos para teres acesso a outros conteúdos que complementam a publicação em papel.

As Escolhas do Diferencial

“The Rocky Horror Picture Show” (1975)

De Jim Sharman

“Viva ao nonsense!” é o que apela este musical de ficção-científica/comédia/terror/trágico. Considerado por muitos um filme de culto devido às suas falas e músicas emblemáticas, este conta a história de um casal que se decide casar e numa viagem de carro, o pneu fura-se. Os dois vão pedir ajuda a um castelo que está aparentemente assombrado, onde o anfitrião (por favor tentem manter o fio à meada disto) é um cientista travesti transilvânico chamado Dr. Frank-N-Furter e está a tentar criar um homem... Porquê tentar contar algo que não dá para ser contado? Simplesmente pedimos que vejam, é algo como nunca antes experienciaram na vossa vida.



CicLIST

São cada vez mais os alunos e professores que vêm para o IST de bicicleta. Os cerca de 50 lugares de estacionamento espalhados pelo campus ultimamente encontram-se sempre cheios, o que é um óptimo sinal, e nesse caso a solução muitas vezes passa por prender a bicicleta a um poste ou candeeiro.

Estando o IST localizado no grande planalto central de Lisboa – que ocupa mais de metade da área urbana da cidade – e surgindo recentemente uma ciclovia na Av. Duque D’Ávila que vai direitinha para o Técnico, para quem vem de Benfica, Monsanto, Parque Eduardo VII, Praça de Espanha ou São Sebastião, torna-se bastante simples chegar de bicicleta a

horas das aulas começarem. Está provado que o transporte de bicicleta na cidade é mais rápido que todos os outros até uma distância de 5km.

Para quem não tem ciclovias no seu percurso, andar na estrada junto aos automóveis é perfeitamente aceitável. Uma boa visibilidade e uma condução segura – como ocupar bem a faixa e evitar andar juntinho à berma, são essenciais. Se precisas de uma revisão na tua bicicleta, passa na Cicloficina comunitária dos Anjos [cicloficina.blogspot.com] e aprende a como ter sempre a bicicleta em condições.

Atentos ao crescimento do uso da bicicleta, um grupo de alunos criou no ano passado a CICLIST – Secção Autónoma da AEIST

para o Ciclismo e Mobilidade Sustentável, um clube de ciclistas para ciclistas, e que tem como objectivo a promoção da bicicleta como meio de transporte urbano, junto dos estudantes do IST, “porque a vida não é só exames e por vezes passa por nós a pedalar a alta velocidade”. As actividades passam por actividades ao ar livre, apoio a eventos sobre mobilidade e ecologia, ou ainda, exigir melhores condições para aqueles e aquelas que vêm de bicicleta para o IST. Procura-nos no facebook e junta-te.

Entretanto, experimenta vir duas vezes para o Técnico de bicicleta... Não vais querer trocá-la por outro meio de transporte!

Rosa Félix

Música

Sérgio Godinho

O músico volta aos palcos dos coliseus de Lisboa e Porto para apresentar o novo álbum, *Mútuo Consentimento*. Esta data não é ao acaso, comemorando também as 4 décadas de carreira de Sérgio Godinho, contadas desde que o lançou o seu primeiro trabalho discográfico, *Os Sobreviventes*. Numa carreira de longevidade e consistência invejáveis foram editados 21 álbuns, dos quais fazem parte verdadeiros clássicos da música portuguesa. O escritor de canções tem encontro marcado com os Lisboetas para dia 25 de Novembro no Coliseu dos Recreios, com bilhetes desde 17,50 €.

Aurea

Também no Coliseu dos Recreios, já no dia 18 deste mês, Aurea enche o palco com a sua poderosa voz. A cantora natural de Santiago do Cacem publicou o seu álbum de estreia em Setembro de 2010, com o famoso single *Too Busy (for me)*, após ter participado com a canção *Okay Alright* na banda sonora da novela *Morangos com açúcar* em 2008. Traz finalmente a sua música aos grandes palcos Portugueses, com os bilhetes para Lisboa a partir de 10€.

Exposições

Natureza Morta

A perspectiva das Coisas. A Natureza morta na Europa é a segunda parte desta exposição, na Fundação Calouste Gulbenkian. A primeira parte, decorrida no ano passado, focava esta área da pintura nos séculos XVII e XVIII, e vê-se agora continuada com o século XIX e a primeira metade do século XX. Os quadros em exibição demonstram o papel que a natureza morta teve na pintura moderna, desde o Impressionismo, passando por Cézanne e Van Gogh, por Picasso e Matisse, até ao Surrealismo de Magritte e Dalí. Encontram-se na exposição obras de referencia destes e outros autores conhecidos do grande público. É um evento a não perder, já aqui ao lado e com entrada a 5€.

Cinema

Amanhecer

Estreia esta semana a primeira parte do ultimo capítulo da saga do Lusco-fusco. Bella e Edward casam numa grande cerimónia e vão de viagem numa lua-de-mel de sonho, onde Bella fica grávida de

um ser híbrido que parece querer matá-la a partir do ventre.

Teatro

Júlio de Matos

Dirigida por Carlos Paulo e escrita por Pedro Cardoso, esta peça traz Joaquim Monchique de volta ao teatro em mais um monólogo, depois de *Paranormal* e *Mais Respeito Que Sou Tua Mãe*, desta vez na pele de uma personagem mais sombria. O actor encarna Júlio de Matos, um homem desempregado de trabalho e outras ocupações, a não ser conviver consigo mesmo. Júlio está de costas viradas para o mundo, só, acabando por se isolar de tal maneira que passa a falar apenas consigo. Eventualmente chateia-se consigo próprio, deixando de se falar, resolvendo depois pedir a um outro eu que interceda por si... A peça desenrola-se num multiplicar de personalidades, e numa luta para a reunião, ao estilo Pessoa. Está em cena a partir de dia 16, de quarta a sábado, no Teatro Armando Cortez – Casa das Artes, e os preços vão desde 15€ a 20€, dependendo do dia da semana.

C a r t o o n

